

volume

26/1

Dezembro/2020

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História da Saúde, das Doenças e da Assistência

Esta é a primeira de duas especialidades em docas especialidades em docas para casamentos, baptizara casamentos, sudos e banquetes. É usada e banquetes, unica depositaria da aliancia depositaria da aliancia Guaraná Espumante Guaraná Espumante e do excelente chow-chow e do excelente lab Laeta, fabricados no lab Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. nolla Leoncio & Capotta Leoncio & J. Conditura, Braso 191 Conditura, Br



Hist. Rev. Pelotas Número 26/1 p.1-402 dez. 2020

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria

Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelon

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira
Ourique

Repr. das Engenharias e Computação: Darci Alberto
Gatto

Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto Mello
Garcia e Marines Garcia (suplente)

Repr. das Ciências da Saúde: Francisco Augusto
Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina
(suplente)

Repr. das Ciências Agrônômicas: Cesar Valmor
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira
Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas
Arigony Braga (suplente)

Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da Silva
e Cláudio Baptista Carle (suplente)

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla Rodrigues
Gastaud

Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa.
Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Prof^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Angela Beatriz Pomatti, Éverton Reis Quevedo, Véra Lucia Maciel Barroso

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Théobald Chartran(1849-1907) Laennec, no Hospital Necker, ausculta um tísico na frente de seus alunos (1816) (1889), mural, Salle Péristyle da Sorbonne.

Pareceristas ad hoc: Marcelo Vianna (IFRS) | Luciana da Costa de Oliveira (UNISINOS) | Cristiano Enrique de Brum (PUCRS) | Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) | Marlise Maria Giovanaz (UFRGS) | Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS) | Joana Carolina Schossler (UNICAMP) | Danielle Heberle Viegas (UNILASALLE) | Micaele Irene Scheer (UFRGS) | Zingaro Homem de Medeiros (UFRGS) | Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPel) | Eduarda Borges (UFRGS) | Marcia

Regina Bertotto (UFRGS) | João Gabriel Toledo Medeiros (UNISINOS) | Rodrigo de Azevedo Weimer (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Jonas Moreira Vargas (UFPel) | Clarissa de Lourdes Sommer Alves (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Regina Célia Lima Xavier (UFRGS) | Leonardo de Oliveira Conedera (UDESC) | Beatriz Teixeira Weber (UFSM).

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2020/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** obra publicada em janeiro de 2021.**



Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.26/1, (dez. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

DOSSIÊ: HISTÓRIA DA SAÚDE, DAS DOENÇAS E DA ASSISTÊNCIA

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

ANGELA BEATRIZ POMATTI, ÉVERTON REIS QUEVEDO, VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO 8

SAÚDE TEM HISTÓRIA 12

ENTRE DIFERENÇAS E SIMILARIDADES: UM ESTUDO COMPARATIVO A RESPEITO DOS OLHARES SOBRE A “SAÚDE” E A “DOENÇA” EM “MANUAIS DE MEDICINA POPULAR”, HOMEOPÁTICOS E ALOPÁTICOS, DE FINAIS DO OITOCENTOS 13
ANDRÉ PORTELA DO AMARAL

CIRCULACIÓN, PRÁCTICAS Y MEDICINA POPULAR. EM REFLEXIÓN SOBRE EL CURANDERISMO EM EL SIGLO XIX ARGENTINO 32
ASTRID DAHHUR

“O EXERCÍCIO DE CURAR SUPÕE O HÁBITO E COSTUME DE O FAZER”: BOTICAS E BOTICÁRIOS NO OITOCENTOS NO BRASIL MERIDIONAL 45
PAULO STAUDT MOREIRA E NIKELÉN ACOSTA WITTER

SOBRE AS VIRTUDES MEDICINAIS DOS INSETOS NA OBRA *PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO* DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR S. J. (1776-1776) 67
ELLANE CRISTINA DECKMANN FLECK

DO TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS À ENGENHARIA DE TECIDOS: A HISTÓRIA QUE TEM REVOLUCIONADO A MEDICINA E SALVADO VIDAS 90
LAURA SCHÄFER E MARIA HELENA ITAQUI LOPES

DOENÇAS E HISTÓRIAS 105

AS DOENÇAS E O ATENDIMENTO AOS ENFERMOS NOS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO (SÉCULO XVIII) 106
ROGÉRIO MACHADO DE CARVALHO

“MUI SEÑOR MIO, DESPUES DE HAUER RECONOZIDO LAS MEDIZINAS, PARESE QUE HA ENCONTRADO DE MENOS TODO LO QUE PARESE SU PAPEL”: UM ESTUDO SOBRE OS TUMORES NO PARAGUAI COLONIAL (SÉC. XVII-XVIII) 124
BERNARDO TERNUS DE ABREU

O FENÔMENO IMIGRATÓRIO E O CONTROLE DO TRACOMA: REPERCUSSÕES DA DOENÇA 146
LEONOR C. BAPTISTA SCHWARTSMANN

PÁGINAS DE UM SABER MÉDICO: A PRESENÇA DA TUBERCULOSE EM TRABALHOS PUBLICADOS NO ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA	163
<i>BRUNO CHEPP DA ROSA</i>	
CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO “GRIPE ESPANHOLA: A MARCHA DA EPIDEMIA” DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL	186
<i>ANGELA BEATRIZ POMATTI E GLÁUCIA G. LIXINSKI DE LIMA KULZER</i>	
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID-19	
<i>JANETE ABRÃO</i>	209
“SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPel	
<i>QUEZIA GALARCA DE OLIVEIRA, MILENA DA SILVA LANGHANZ E LORENA ALMEIDA GILL</i>	230
INSTITUIÇÕES E ASSISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS	240
A SUPERLOTAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO: IMPLICAÇÕES NA INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ENTRE OS ANOS DE 1932 E 1937 (PORTO ALEGRE/RS)	
<i>LISIANE RIBAS CRUZ</i>	241
ESTIGMA DA LEPROSA: O MANEQUIM LÁZARO NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ	
<i>HELENA THOMASSIM MEDEIROS, JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES E DIEGO LEMOS RIBEIRO</i>	258
A ALIMENTAÇÃO HOSPITALAR MODERNA E A (RE) PRODUÇÃO DO VIVER SOCIAL NO HOSPITAL MIGUEL COUTO EM NATAL (1927-1955)	
<i>ANDRÉ MOTA E RODRIGO OTÁVIO DA SILVA</i>	276
A MATERNIDADE DO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, ENSINO E ASSISTÊNCIA NO RIO DE JANEIRO	
<i>CAROLINE PEREIRA DAMIN PRITSIVELIS, ANTONIO RODRIGUES BRAGA NETO, ANTONIO CARLOS JUCA DE SAMPAIO, JORGE FONTE DE REZENDE FILHO E JOFFRE AMIM JUNIOR</i>	299
CENTROS DE SAÚDE E POSTOS DE HIGIENE: NOVAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE PARA NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS (RIO GRANDE DO SUL, 1928-1945)	
<i>GABRIELLE WERENICZ ALVES</i>	312
CUIDAR DE POBRES DOENTES NAS MEMÓRIAS DE ENFERMEIRAS RELIGIOSAS NA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE (1956-1973)	
<i>VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO</i>	332

ARTIGOS LIVRES

ENTRE COIMBRA E VILA DO PRÍNCIPE: A ATUAÇÃO DO PADRE DR. MANUEL JOSÉ DA FONSECA BRANDÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, COMARCA DO SERRO DO FRIO, MINAS GERAIS, 1778 A 1797

347

DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ

348

MODELOS DE ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E NA GEOGRAFIA – UMA COMPARAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA LOCAL FRANCESA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS GERAÇÕES SUBSEQUENTES

JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS

369

(RE)ESCRITURAS NEGRAS EM PÁGINAS BRANCAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO DA SERRA DA BARRIGA

388

RAYANNE MATIAS VILLARINHO E ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Saúde tem História

CA S. A. primeira de sem #186 de q. primeira especialidades em doces especialidades em para casamentos, baptipara casamentos, sudos e banquetes. E' asados e banquetes, unica depositaria da altunica depositaria da maada Guatana Espumantada Guatana Espumante e do eccellente chowee e do eccellente labo Laeta, fabricados en labo Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. molta Leoncino & Ciampolla Leoncino & J. Conditaria Brasileira 601 Conditaria Brasileira



SOBRE AS VIRTUDES MEDICINAIS DOS INSETOS NA OBRA *PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO* DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR S. J. (1776-1776)

Eliane Cristina Deckmann Fleck¹

Resumo: Neste artigo, apresentamos a análise de um dos livros que compõem a quarta Parte da obra *Paraguay Natural Ilustrado*, escrita pelo padre José Sánchez Labrador, entre 1771 e 1776, a partir de suas observações da fauna e da flora das regiões que compreendiam a Província Jesuítica do Paraguai, na qual atuou como missionário. Neste livro, o jesuíta descreve as virtudes terapêuticas e os modos de preparo de vinte e um insetos, dentre os quais destacamos os escorpiões, as aranhas, as cantáridas, os grilos e os piolhos. Para além das aplicações de pressupostos da teoria hipocrático-galênica, Sánchez Labrador estabelece comparações entre as práticas curativas indígenas e as europeias, realizando, ainda, interessante diálogo com obras clássicas e setecentistas de História Natural, Medicina e Farmácia.

Palavras-chave: Paraguay Natural; José Sánchez Labrador S.J; Insetos; Virtudes terapêuticas.

Abstract: In this article, we present the analysis of one of the books that the fourth Part of the work *Paraguay Natural Ilustrado* is composed of, written by priest José Sánchez Labrador, between 1771 and 1776, drawing from his observations of the fauna and flora of the regions that comprised the Província Jesuítica of Paraguai, in which he acted as a missionary. In this book, Labrador describes the therapeutic virtues and the preparation methods of twenty one insects, among which we highlight scorpions, spiders, Spanish flies, crickets and lice. Beyond the applications of principles of the hipocratic-galenic theory, Sánchez Labrador establishes comparisons between the indigenous and the European healing practices, accomplishing, still, an interesting dialog with classic works of Natural History, Medicine, and Pharmacy from the 1700's.

Keywords: Paraguay Natural; José Sánchez Labrador S.J; Insects; Therapeutic virtues.

Uma breve introdução

Ainda no século XVII, muitos dos jesuítas enviados às terras de missão da América espanhola, apesar de não serem especialistas na ciência de Galeno e em Farmacopeia, dedicaram-se à coleta e a experimentos com plantas nativas existentes nas imediações dos colégios e das reduções em que atuaram. No século seguinte, irmãos e padres jesuítas, contando com a colaboração de indígenas, não apenas produziram como fizeram circular saberes e práticas terapêuticas – através da intensa correspondência que os membros da ordem mantinham entre si e de cópias de tratados e receituários – tanto entre as reduções e os colégios da Província Jesuítica do Paraguai, quanto entre aqueles instalados na Europa.²

¹ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista de Produtividade do CNPq (Pq2). Av. Unisinos, nº 950, 93.022-750 Bairro Cristo Rei, São Leopoldo – RS – Brasil. E-mail: efleck@unisinos.br

² Sabe-se que os *libros de medicina* manuscritos circulavam de redução em redução, sob a forma de cadernos, sem especificação de seu autor, e, ainda, que estes cadernos eram copiados para que as receitas não se perdessem. Um deles – supostamente do século XVIII, pela forma de sua escritura –, contém procedimentos e receitas para afecções do estômago e também para o parto e o puerpério. Sua data de redação é desconhecida, razão pela qual não se pode dizer que este tenha sido o primeiro receituário de medicina guarani. Sabe-se que foi encontrado na redução de São Borja [razão pela qual é denominado *Manuscrito de São Borja*], situada sobre a margem esquerda do rio Uruguai, mas isto não significa que tenha sido nela redigido. Se, por um lado, o fato de estar todo escrito em guarani não permite que se afirme que seja um texto propriamente guarani, por outro, mostra a clara intenção, assim como também podemos perceber na *Materia Médica*

Em muitos destes espaços de atuação da Companhia, encontraremos personagens de indiscutível importância, que, apesar de habitarem regiões marginais no cenário intelectual do período – áreas tidas apenas como receptoras de práticas e saberes produzidos em outras partes do mundo –, foram decisivos na construção e renovação de conhecimentos consagrados de Botânica e Medicina. Muitos destes irmãos e padres se dedicaram à produção de livros de referência para o conhecimento da natureza americana, dentre as quais se destacam aqueles que versam sobre a História Natural e as Matérias Médicas, nos quais constata-se não apenas a inconfundível presença das concepções hipocrático-galênicas, mas também a apropriação de saberes e de práticas curativas próprias das populações nativas americanas.

Historiadores como Di Liscia (2002), Millones Figueroa e Ledezma (2005), Del Valle (2009) e Asúa (2010; 2014) ressaltaram o papel desempenhado pelos jesuítas na criação de redes de conhecimento e na formação de uma epistemologia muito particular no século XVIII³. Em seus trabalhos, estes autores enfatizaram, sobretudo, a importância dos colégios e das reduções da Companhia de Jesus para a circulação de ideias e a realização de experimentalismos nos vários continentes em que atuaram, das quais resultou tanto a validação, quanto a contestação de práticas e saberes consagrados na Europa⁴.

Durante os séculos XVII e XVIII, o projeto científico da Companhia de Jesus se constituiu, efetivamente, em uma alternativa clara e influente no mapa cultural europeu⁵, na medida em que “las más reconocidas figuras de la intelligentsia jesuítas en Europa reflexionaron sobre la naturaleza del Nuevo Mundo”, a partir das informações que recebiam “de los hermanos jesuitas de la periferia”, que, além de integrarem um grupo “calificado y confiable (...) alrededor del mundo”, constituíam uma notável rede de “agentes viajeros de la Compañía” (MILLONES FIGUEROA, 2005, p. 27-28). Os membros da ordem, sobretudo no Setecentos, procuraram abandonar “los argumentos de la naturaleza maravillosa, llena de portentos y señales (...) para iniciar la formulación de un

Misionera escrita pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, de colocar os conhecimentos relativos às artes de curar à disposição dos missionários e dos índios concentrados nas reduções.

³ Os jesuítas “cumplían una importante función en la búsqueda de información: eran quienes físicamente se encontraban allá, conviviendo con los indígenas y en un medio ambiente lleno de objetos naturales ‘novedosos’ y por lo tanto esperando su catalogación” (DEL VALLE, 2009, p. 52).

⁴ Para alguns historiadores, os membros da Companhia de Jesus assimilaram “algumas ideias caras à Ilustração – ainda que [de forma] seletiva e católica”, razão pela qual se deve relativizar a “abordagem tradicional que atribuiu à Companhia de Jesus uma visão retrógrada e resistente a mudanças, associada à tradição medieval católica e barroca” (DOMINGUES, 2009, p. 233). Também para Millones Figueroa (2005, p. 22), os jesuítas incorporaram e assimilaram paulatinamente as ideias e os métodos de estudo da Ilustração, mas isto não significou “un rechazo absoluto del estudio de la naturaleza inspirado por la maravilla y el asombro que infundían las complejidades y misterios del mundo natural americano”. Assim, a produção de um conhecimento baseado na observação e na experiência – tão caro aos jesuítas – “no ensombreció la fascinación por los misterios de la naturaleza”.

⁵ A Companhia de Jesus deve ser compreendida como uma “orden cuya característica era formar sacerdotes de salientes capacidades intelectuales, teólogos, filósofos e inclusive filósofos naturales, matemáticos y físicos que debatieron con los próceres de la llamada revolución científica de Europa occidental (JUSTO, 2011, p. 156). É preciso, no entanto, ter presente que, ao longo do século XVIII, “os escritos e investigaciones de los jesuítas seguían sufriendo información valiosa sin que necesariamente ellos mismos, como orden, fueron reconocidos (...) en términos de igualdad por los científicos” (DEL VALLE, 2009, p. 49).

pensamiento ilustrado y crear sus propias nociones etnográficas y científicas del mundo americano” e esta mudança de percepção do mundo natural se constituiu em “medio a través del cual los jesuítas expulsos subrayan su control y posesión intelectual” das regiões em que atuaram e das populações indígenas que converteram ou conheceram como missionários. Em razão disso, contribuíram, decisivamente, para “la creación de un conocimiento científico americano, basado en la observación de los hechos y en una interpretación que decididamente pretendía ser objetiva”, o que fazia com que se opusessem a um conhecimento produzido sobre o Novo Mundo “que carecía del fundamento de la observación y de la experiencia” e, especialmente, que sustentava a tese de inferioridade natural do Novo Mundo (HUFFINE, 2005, p. 279-302).⁶

A reconstituição das trajetórias de jesuítas que se dedicaram às ciências, como José Sánchez Labrador, e a análise de obras como o *Paraguay Natural Ilustrado*,⁷ que apresentamos e analisamos neste artigo –, permitem, não apenas a reconstituição do conhecimento científico difundido e produzido nas primeiras décadas do século XVIII na América, mas, também, a discussão sobre a apropriação de saberes e de práticas das populações nativas americanas, que pode ser constatada nos receituários e nos catálogos de plantas medicinais elaborados pelos missionários da Companhia de Jesus.⁸ Para os estudiosos de sua vasta produção, Sánchez Labrador pode ser considerado “un paradigma de toda aquella generación” de missionários jesuítas que atuaram na América platina no século XVIII, não apenas por seu extenso conhecimento da área missioneira, mas porque “nada escapó a su curiosidad, desde el clima, la geología, la botánica o la zoología” (SAINZ OLLERO et al., 1989, p. 101-102). Durante o exílio, além de ter adotado uma visão científica “en el sentido moderno de la palabra (...) una noción dinámica de las ciencias”, e, com um vigor ilustrado, descreveu “la naturaleza como objeto útil y detalladamente clasificable por la investigación”, a partir de “una idea clara del progreso en las ciencias” (HUFFINE, 2005, p. 295-297).

É sobre Sánchez Labrador e sua obra *Paraguay Natural* que nos detemos no primeiro tópico.

Sobre José Sánchez Labrador e o *Paraguay Natural Ilustrado*

José Sánchez Labrador nasceu em La Guardia, cidade de La Mancha, no dia 19 de

⁶ Cabe lembrar que na Europa da segunda metade do Setecentos, o discurso científico produzido sobre a América estava fundamentado no determinismo climático e na teoria da degeneração e inferioridade da natureza e da população americana. José Sánchez Labrador foi um dentre os jesuítas expulsos das terras de missão americanas, em 1767, que argumentaram contra os cientistas europeus “sugerindo que a vida vegetal e animal da América era saudável, resistente e autossuficiente (...)” (HUFFINE, 2005, p. 286-287).

⁷ Trata-se do manuscrito *Paraguay Natural. Ilustrado*. Noticias del país, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. Ravenna. (Manuscrito). Archivo Histórico de la Compañía de Jesús (ARSD), Roma, 1771-1776.

⁸ Mas, se a incorporação das línguas, das práticas terapêuticas, dos saberes e das cosmovisões indígenas pelos jesuítas conferiu, como afirmado por Asúa (2010, p. 193), uma das “características distintivas da ciência nas missões no Paraguai”, nem sempre houve – como bem observado por Di Liscia (2002, p. 299) – “interesse em reconhecer de onde provinham tais saberes” fundamentais, por exemplo, no manejo da flora e da fauna com fins medicinais.

setembro de 1714 ou 1717. Ingressou na Companhia de Jesus em 5 de outubro de 1731, de acordo com Ruiz Moreno (1948), ou em 19 de setembro de 1732, segundo Sainz Ollero et al., (1989). Iniciou seus estudos de Filosofia no Colégio de Valladolid, interrompendo-os para viajar ao Rio da Prata em 1734, acompanhando o Padre Antonio Machoni.⁹ De 1734 a 1739, estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Córdoba, concluindo sua formação no verão de 1739. Entre os anos de 1741 e 1744, atuou como professor na mesma cidade, dedicando-se, concomitantemente, aos estudos de História Natural.

Assim, como muitos outros padres e irmãos jesuítas que o precederam nas terras de missão americanas, Sánchez Labrador não dedicou-se, exclusivamente, à conversão dos indígenas, mas, também, ao estudo da fauna e da flora americana que observou nas diversas regiões da Província Jesuítica do Paraguai em que atuou como missionário.¹⁰ De acordo com seus biógrafos, entre 1747 e 1757, o padre jesuíta atuou junto às reduções de *Yapeyu*, *Trinidad*, *Jesús*, *Loreto*, *San Ignacio Mini*, *San Ignacio Guazu*, *San Cosme y San Damián* e *San Lorenzo*, convivendo, assim, com indígenas Guaranis, Zamucos, Chiquitos, Mbayás e Guaicurus. A partir de 1757, passou a atuar em *Apóstoles* (Santos Apóstolos ou Apóstolos São Pedro e São Pablo), tendo como companheiros os padres Lorenzo Ovando e Segismund Asperger, este último, reconhecido por sua atuação como médico e boticário.¹¹

Em 14 de agosto de 1767, quando regressava de uma viagem, foi informado do decreto da expulsão¹² dos jesuítas da Espanha e de suas colônias. Sobre esta última viagem realizada pelo jesuíta em território americano, Furlong afirma que ele teria sido o primeiro a fazer o caminho que

⁹ Antonio Machoni ingressou na Companhia de Jesus em 1688 e dez anos depois foi enviado para atuar como missionário nas reduções do Paraguai. Em 1711, passou a atuar entre os indígenas Lules da redução de San Antonio de Valbuena e, em 1714, funda a redução de San Esteban de Miraflores. Foi professor e, posteriormente, reitor do Colégio Máximo de Córdoba, até 1728, ano em que foi enviado à Espanha e à Itália, como Procurador da Província Jesuítica do Paraguai. Regressou ao Rio da Prata em 1733, juntamente com outros 30 noviços, irmãos e padres, dentre os quais, se encontrava José Sánchez Labrador. Em 1739 é designado Provincial da Província Jesuítica do Paraguai, permanecendo no cargo até 1743. Faleceu, em Córdoba, dez anos depois.

¹⁰ Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a *Província Jesuítica do Paraguay* possuía limites mais extensos que os da moderna República paraguaia, abarcando territórios do Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia.

¹¹ O padre Segismund Asperger – ou Aperger – era tirolês e ingressou na Companhia de Jesus em 09 de outubro de 1705. Foi o único jesuíta que permaneceu, devido à sua condição de saúde e à idade avançada, na América platina, após o decreto de expulsão. Além do famoso “balsamo o elixir de Misiones”, preparado à base de aroeira vermelha, que era enviado em grande quantidade para a Europa, atribui-se a ele também o famoso compêndio *Tratado Breve de Medicina* que, além das descrições sobre as doenças mais frequentes nas missões jesuíticas, traz um grande número de procedimentos terapêuticos e de receitas de medicamentos.

¹² Os jesuítas foram expulsos das áreas coloniais do Império em 1767 e suas propriedades foram confiscadas, em cumprimento ao Decreto de 27 de fevereiro, assinado por Carlos III. A expulsão da Companhia de Jesus fazia parte de um conjunto de reformas da Coroa espanhola, conhecido como *Reformas Bourbonicas*, que tinha como objetivo aumentar o controle do poder real sobre os domínios ultramarinos. Antes de Carlos III, outro déspota esclarecido, d. José I, de Portugal, havia expulsado os jesuítas dos seus domínios, em 1759, também buscando subordinar o clero ao Estado. Os jesuítas, além de terem sido acusados de tentar construir um estado dentro do estado e de criar intrigas contra o governo espanhol, eram pouco populares entre as demais ordens religiosas, sendo bastante vulneráveis em função de sua independência e de serem os menos enraizados na sociedade hispano-americana. (SCHWARTZ; LOCKHART, 2002).

ligava as reduções de Guaranis às de Chiquitos. Em 1768,¹³ chegou à Itália, se estabelecendo em Ravena, onde foi Superior de uma das casas que a Companhia de Jesus possuía na cidade.¹⁴ Manteve-se neste desterro por 30 anos, período durante o qual se dedicou a escrever.¹⁵ Entre suas principais obras estão *Paraguay Católico*, publicada em 1910, e *Paraguay Natural Ilustrado*, que permanece ainda inédita.¹⁶ Labrador morreu em Ravena, em 10 de outubro de 1798, vinte e dois anos após a conclusão da obra sobre a qual nos debruçamos mais detidamente neste artigo.

¹³ José Sánchez Labrador e os outros cerca de dois mil jesuítas expulsos da América espanhola foram exilados e se estabeleceram em outras localidades da Europa. Os padres do Vice-reinado do Rio da Prata teriam sido os últimos a deixarem as reduções pelas dificuldades de se encontrarem substitutos, sendo retirados de suas residências entre junho e agosto de 1768. Os documentos encontrados com os jesuítas foram confiscados para que pudessem ser encontradas evidências sobre suas atividades, razão pela qual foram autorizados a viajar somente com suas roupas e breviários. Foram levados, em precárias condições, para Córsega, de onde foram enviados, em sua maioria, para as cidades de Faenza, Ravena, Brisighella e Ímola. Em uma carta datada de 21 de agosto de 1768, de Puntales (Cádiz), encontra-se uma lista de 150 jesuítas que partiram de Buenos Aires, em uma fragata, chamada de *Esmeralda*, que os levaria de volta para à Europa, sob responsabilidade do comandante Mateo del Collado Neto. Sánchez Labrador estava citado entre os missionários que provinham da Província do Paraguai. (SAINZ OLLERO et al., 1989).

¹⁴ Ravena, a cidade mais importante da região da Emilia Romagna, foi capital do Império Romano do Ocidente entre 402 e 476 d.C, e localiza-se próximo do Mar Adriático, entre as cidades de Bolonha e Rimini. A cidade conta com a **Biblioteca Classense**, uma das mais importantes da Itália e que data do século XVII.

¹⁵ É consenso entre os historiadores que o jesuíta “realizou um dos mais amplos trabalhos sobre a natureza, a geografia e as sociedades da região platina colonial”, do que decorrem dúvidas e hipóteses sobre como redigiu tão vasta e detalhada obra, aventando-se que, mesmo que tenha podido levar consigo algumas das anotações feitas na América, a maior parte dos tomos da obra deve ter sido escrita a partir das memórias de suas experiências como missionário e como naturalista em terras americanas. (SAINZ OLLERO et al., 1989, p. 108). Sabemos que “parte de los documentos de Sánchez Labrador quedaron en América (...) Quizá no conoceremos nunca cuántos escritos pudo llevar consigo Sánchez Labrador al exilio (...)” Os autores, contudo, sustentam que “es la práctica certeza de que (...) pudo, a pesar de las órdenes de Bucareli, trasladar con él parte de sus escritos hasta su destierro italiano. No podemos dar una explicación cierta de las circunstancias que pudieron provocar esta permisividad extraña. Por lo que sabemos las condiciones de arresto en Asunción fueron mucho más benignas que en el resto de las ciudades del Río de la Plata” (SAINZ OLLERO et al., 1989, p. 106). Para sustentar esta possibilidade, os autores recorrem a um trecho da Relação escrita pelo próprio Sánchez Labrador ao chegar ao Porto de Santa Maria, na qual o missionário jesuíta informa que havia feito “um viaje em descubrimiento de las Misiones de los Chiquitos (...) en nombre del Rey nuestro Señor y el excelentísimo señor Don Francisco Bucareli y Ursúa Theniente general y Gobernador de Buenos Ayres le pidió diário exsacto y mapa lo qual todo trabajó y entrego a sua Ex^a. Quien ofreció remitirlo a su Magd. (...)”, apontando para “una relación algo especial entre nuestro autor [Sánchez Labrador] y Bucareli, que pudo significar una cierta permisividad a la hora de sacar algunos papeles no especialmente conflictivos (...)”. (SAINZ OLLERO et al., 1989, p. 107).

¹⁶ Dentre os fatores que podem justificar a sua não publicação estão a lentidão dos trâmites burocráticos de censura editorial – civis e eclesiásticos – e os custos elevados de impressão, considerando o número de páginas do manuscrito. Não se deve desconhecer, também, que, em 1776, ano de sua conclusão, a Companhia de Jesus ainda não havia sido restaurada, o que irá ocorrer somente em 1814, o que, certamente, contribuiu para que a volumosa obra se mantivesse desconhecida dos pesquisadores por muitos anos. Os quatro tomos manuscritos do *Paraguay Natural Ilustrado* se encontram no Arquivo Romano da Sociedade de Jesus (ARSI), em Roma. Após a transcrição de uma versão digitalizada da obra, as primeiras análises que fizemos das quatro partes foram divulgadas em FLECK, 2015.

A obra *Paraguay Natural Ilustrado*, escrita entre os anos de 1771 e 1776, conta com 127 ilustrações feitas pelo próprio autor¹⁷ e divide-se em quatro Partes.¹⁸ A primeira possui 558 páginas e divide-se em três Livros: *Diversidade de terras e corpos terrestres*; *Água e várias coisas a ela pertencentes*; e *Ar, ventos, estações do ano, clima destes países e enfermidades mais comuns*. A segunda Parte conta com 500 páginas e trata, especificamente, da *Botânica*. A terceira se divide nos seguintes livros: *Animais quadrípedes* (166 páginas); *as Aves* (127 páginas); e *os Peixes* (128 páginas). A quarta e última Parte da obra, que possui 373 páginas, conta com os livros: *Os Animais anfíbios*; *os Animais répteis*; e *os Insetos*. É sobre o terceiro e último Livro da quarta Parte da obra que nos deteremos na continuidade.

¹⁷ Quanto aos desenhos feitos por Sanchez Labrador, eles são normalmente colocados em folhas separadas do texto, cada imagem em uma página da folha, ou um desenho por folha. As folhas de desenhos, geralmente, contêm os números das páginas da obra às quais seus desenhos se referenciam. No caso do Tomo II, as imagens são adicionadas no meio das páginas escritas, sendo estas representações de plantas que estão sendo tratadas no texto. No Tomo III, as imagens desenhadas estão ao final de cada um dos três livros pertencentes ao tomo. Enquanto que no Tomo IV, as imagens são inseridas no final dos três livros, mas são relacionadas com todo o tomo. Nos casos destes dois tomos, o III e o IV, as imagens não recebem numeração, então não se pode afirmar corretamente a que livro, capítulo ou página cada uma delas pertence.

¹⁸ A obra *Paraguay Natural Ilustrado* já mereceu alguns estudos, todos eles realizados a partir da consulta à fonte manuscrita no ARSI, tais como os de FURLONG, 1948, MORENO, 1948, e SAINZ OLLERO, et al., 1989. Segundo Arthur Barcellos, Sánchez Labrador “realizou um dos mais amplos trabalhos sobre a natureza, a geografia e as sociedades da região platina colonial. (...) Ainda permanecem dúvidas sobre a forma como Sánchez Labrador redigiu tão vasta obra. Ollero acredita que [ele] teria conseguido levar muitos apontamentos feitos na América. Mesmo que o tivesse feito, o mais provável é que tenha sido obrigado a escrever a maior parte da obra de memória”. (BARCELOS, 2013, p. 92-93).

Ilustração 1

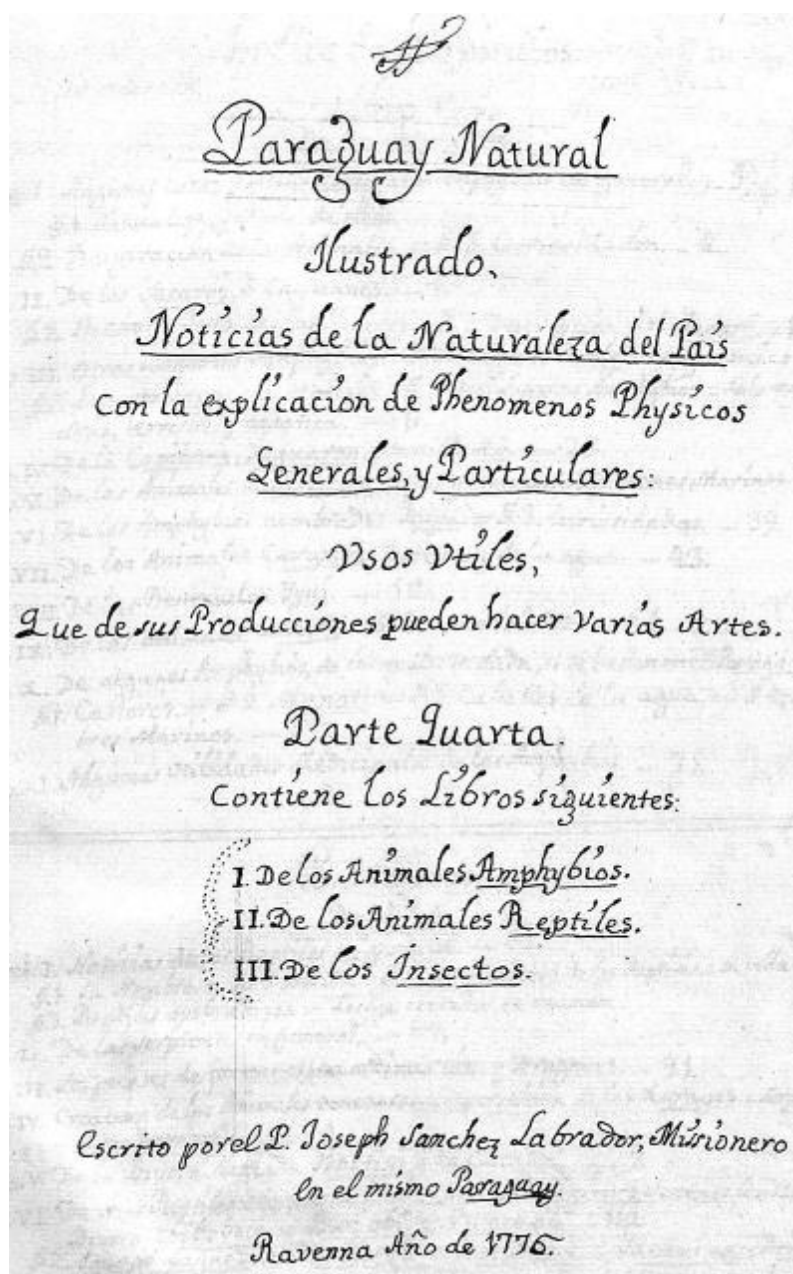


Ilustração 2

**Sobre os pequenos viventes e suas virtudes medicinais no tratamento de certas enfermidades**

De acordo com Sánchez Labrador, “Los Insectos no tienen uso tan general en orden a la salud, como el resto de los otros animales”, pois “Los Médicos no emplearon mucho tiempo en indagar las virtudes específicas de los primeros, satisfechos con lo que conocían en los segundos” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 361). No entanto, segundo ele, estes animais invertebrados, reduzidos a pó ou ingeridos em infusões, agiam na cura de enfermidades internas e na recuperação de fraturas ósseas,¹⁹ visto que apresentavam expressivas virtudes terapêuticas:

¹⁹ Interessante observar que na documentação jesuítica são recorrentes as menções a acidentes com animais venenosos, como serpentes, escorpiões e aranhas, que podem ser atribuídas tanto ao ambiente natural em que as reduções se estabeleceram, quanto a desordens climáticas, tais como secas ou enchentes, que podem ter favorecido a sua proliferação ou deslocamento para outras regiões.

Pueden se alegar varias razones en comprobación de la virtud, que se halla en estos pequeños vivientes, I^a. que la sal, que tienen, es mas penetrante, y volátil, que la de otros animales. Es cierto a muchos Insectos abundan de sal volátil, la qual se extrahe facilmente por medio de la chymica. II^a. que los Insectos contienen una especie de Balsamo natural, capaz de producir buenos efectos. III^a. que tienen un Azufre más eficaz, que lo común (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 361).

O jesuíta acrescenta que algumas regiões da Província Jesuítica do Paraguai, como a do Chaco, apresentavam clima muito quente e úmido, portanto, bastante propício para a proliferação de insetos. Estes *pequeños vivientes* estavam, segundo ele, presentes na água, no ar e na terra, adornados ou não com asas, possuindo sempre uma simetria em seu todo, razão pela qual suas partes demonstrariam a sabedoria do *Auctor*, numa referência ao Criador.

O jesuíta classifica os insetos por famílias, distribuindo-as entre os que voam, os que se arrastam ou os que parecem que se arrastam. Entre essas famílias existiam, segundo ele, distinções quanto aos corpos dos insetos, que poderiam se constituir de anéis, nós, placas e outras divisões. Afirma, ainda, que os insetos, diferentemente de outros animais, não tinham reconhecidas suas virtudes terapêuticas, porque os médicos depreciavam estes *animalillos* por seu tamanho.

Os vinte e um insetos cujas virtudes terapêuticas Sánchez Labrador apresenta são as Abelhas (*Abejas*), as Vespas (*Abispas*), os Escorpiões (*Alacrane*s), as Aranhas (*Arañas*), as Cantáridas²⁰ (*Cantárides*), os Perceijos (*Chinches*), a Centopeia (*Cientopies*), a Cigarra (*Cigarra*), as Cochonilhas²¹ (*Cochinillas*), as Baratas (*Cucarachas*), os Besouros (*Escarabajos*), os Carrapatos (*Garrapatas*), os Grilos (*Grillos*), as Formigas (*Hormigas*), os Gafanhotos (*Langosta*), os Vermes (*Lombrices*), as Moscas (*Moscas*), os Mosquitos (*Zancudos*), as Lagartas (*Orugas*), os Piolhos (*Piojos*) e as Sanguessugas (*Sanguijuelas*). Além das enfermidades para as quais eles seriam eficientes, o jesuíta se detém nas formas de preparo destes insetos para que fossem ingeridos como medicamentos. Labrador apresenta, ainda, as virtudes de oito subprodutos destes insetos, com destaque para o mel (Abelha), cera (Abelha), vespeiro (Vespa), teia (Aranha), escarlata²² (*Cochonilla de Grana*), formigueiro (Formiga), ovos (Formiga) e goma lacca²³

²⁰ “Inseto coleóptero heterômero de cor verde-brilhante (*Litta vesicatoria*), comum no Sul da Europa. Preparação de cantáridas secas, aplicada externamente como rubefaciente e vesicante poderoso; esquentária. Tomada em doses moderadas, é diurética e estimulante dos órgãos urinários e reprodutores, porém altamente venenosa em doses grandes” DICCIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=cant%E1rida>>. Acesso em: 05 dez. 2020

²¹ “Nome comum aos insetos homópteros da família dos Coccídeos, também chamados piolhos-dos-vegetais. As fêmeas e as formas jovens são ápteras e vivem permanentemente sugando seiva vegetal de numerosas plantas, constituindo-se em verdadeiras pragas. Algumas espécies são úteis por serem produtoras de substâncias que o homem aproveita em suas indústrias, como o corante chamado carmim e a goma-laca” DICCIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cochinilha>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

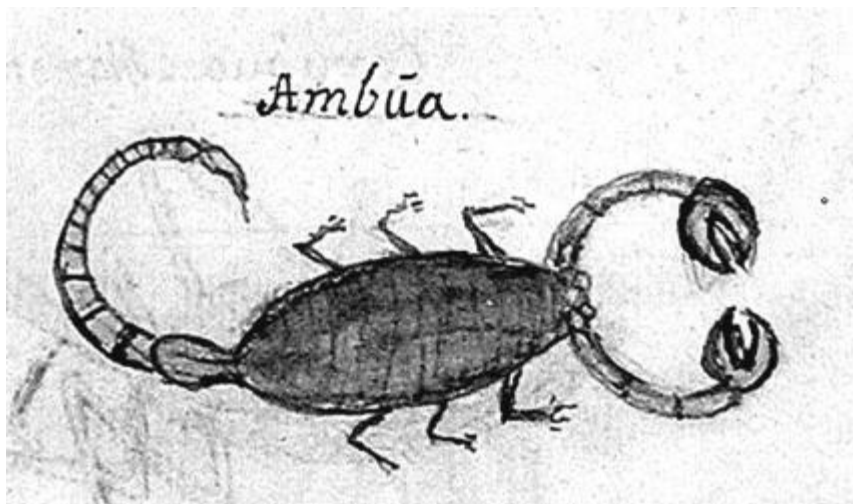
²² Cor mais clara obtida pela Grana das Cochonilhas utilizada para tingir tecidos DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=nuez>>. Acesso em 05 dez. 2020.

²³ Resina excretada por certos insetos.

(Formiga).

Tendo em vista a impossibilidade de tratarmos de todos os vinte e um insetos neste artigo, selecionamos cinco deles, a fim de melhor explorar sua utilização como medicamento.²⁴ Cabe ressaltar que as indicações feitas pelo jesuíta, assim como as feitas por outros homens de ciência do período, tanto na Europa, quanto na América, levam em consideração os pressupostos da teoria humoralista hipocrático-galênica,²⁵ segundo a qual a saúde era assegurada pelo equilíbrio entre os humores que compunham o corpo humano. Sendo assim, existia a concepção de que as enfermidades eram causadas justamente pelo excesso ou ausência de algum dos humores, o que levava a práticas que visavam à expulsão dos humores em excesso do corpo, através do sangue, das fezes, da urina, do vômito e de demais formas de excreção. A adoção desta teoria também fica evidente na proposição do emprego da *medicina dos contrários*, evidenciada na recomendação de contravenenos, como veremos na continuidade.

Ilustração 3



Os escorpiões, *Yapenzu* em guarani, contavam com características únicas no grupo dos insetos tratados por Sánchez Labrador neste último livro do *Paraguay Natural*. De acordo com ele, o escorpião, amassado e colocado sobre a própria picada de seu ferrão, conseguiria deter o progresso do veneno no corpo da vítima, levando à cura. Para confirmar esta indicação, Labrador se vale da

²⁴ Esclarecemos que a escolha destes cinco insetos se deu em função de receberem um maior detalhamento de suas várias formas de uso pelo autor, o que, com certeza, pode estar relacionado com a grande incidência de enfermidades para as quais tinham grande e comprovada eficácia.

²⁵ De acordo com essa teoria, o corpo humano seria formado por diferentes líquidos ou humores que eram “quase sempre quatro (Sangue, Fleuma, BÍlis Amarela e BÍlis Negra). A saúde consistiria no equilíbrio desses humores, assim como a enfermidade consistiria no predomínio de algum deles sobre os demais”. FREITAS REIS, 2009, p. 3.

opinião de outro jesuíta, o padre Athanasius Kircher,²⁶ que afirmava que os escorpiões atraíam o seu próprio veneno através de uma virtude magnética. Ainda contra o veneno destes insetos, seria bastante eficiente o emprego de *Aceyte de Alacranes* – ou azeite de escorpiões –, produzido através da infusão de escorpiões em azeite de amêndoas, que deveria ser aplicado sobre a área picada.

O padre jesuíta diz que muitos indivíduos, quando picados por escorpiões, ingeriam estes animais amassados misturados no vinho, enquanto outros preferiam colocar o azeite dentro da ferida. A utilização destes insetos como um *contraveneno*, como um antídoto contra seu próprio veneno, constitui-se em evidência da aceitação e aplicação da medicina dos contrários por Sánchez Labrador. O escorpião possuiria também virtudes diuréticas, auxiliando no tratamento de pedras nos rins e na bexiga, devendo, nestes casos, ser queimado vivo e suas cinzas consumidas posteriormente. Para contornar este mesmo problema, era indicado o azeite de escorpiões, devendo-se untar a região da bexiga e dos rins, para, assim, amenizar as dores e ajudar o enfermo a expelir as pedras. O azeite podia, ainda, aliviar dores de ouvido, quando pingado nas orelhas.

Chamou-nos a atenção o fato de que praticamente todos os insetos citados por Sánchez Labrador apresentam propriedades diuréticas, auxiliando, ainda, no tratamento de pedras nos rins e na bexiga. Esta constatação, que precisa ser estudada mais detidamente, parece apontar para a alta incidência destas enfermidades entre os grupos indígenas contatados ou observados pelo missionário jesuíta, e que podem estar relacionadas com mudanças nos hábitos alimentares, mais especificamente, do consumo de sal ou de açúcar, após a intensificação do contato com os europeus.²⁷

²⁶ O jesuíta alemão Athanasius Kircher (1601-1680) foi professor de Matemática, Física e Alquimia, no Colégio Romano, onde se dedicava também à pesquisa. Constituiu uma ampla rede de informação, contando com a colaboração de missionários da Ordem que, do Oriente e do Ocidente, remetiam os relatos de suas observações astronômicas ou estudos que haviam realizado sobre a fauna e a flora nativas. Carlos Ziller Camenietzki, ao tratar dos estudos de ciências naturais desenvolvidos pelo jesuíta A. Kircher, afirmou que “Utilizar la idea barroca de la agudeza para explicar su manera de abordar el mundo natural nos ayuda a entender la naturaleza de sus explicaciones. (...) las ideas de Kircher y la heterodoxia de sus bases metafísicas sugiere la existencia de conexiones importantes entre el pensamiento científico y las manifestaciones culturales en en siglo XVII. Era una época barroca”. (CAMENIETZKI, 2005, p. 29-30).

²⁷ Dietas ricas em proteína, sódio (sal) ou açúcar podem levar à formação de cálculos reais, que são formações endurecidas nos rins ou nas vias urinárias, resultantes do acúmulo de cristais existentes na urina. No caso das dietas com presença elevada de sal, elas aumentam a quantidade de cálcio que os rins deverão filtrar, o que conseqüentemente leva a um risco maior. Também, o baixo consumo de líquidos ou doenças do trato digestivo, como inflamação gastrointestinal e diarreia crônica podem causar mudanças no processo de digestão, afetando diretamente na absorção de cálcio e água, aumentando também as chances de formação de pedras nos rins e/ou bexiga. Outra causa para a formação de cálculos renais é o excesso ou, então, a falta de citrato, substância presente, principalmente, nas frutas cítricas, a hipo e hipercitraturia.

Ilustração 4

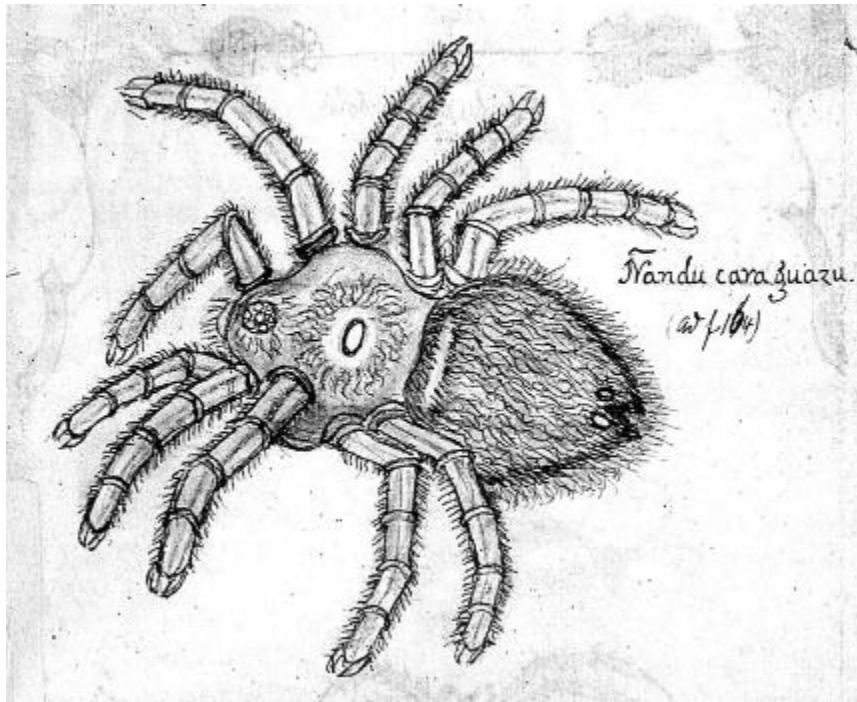
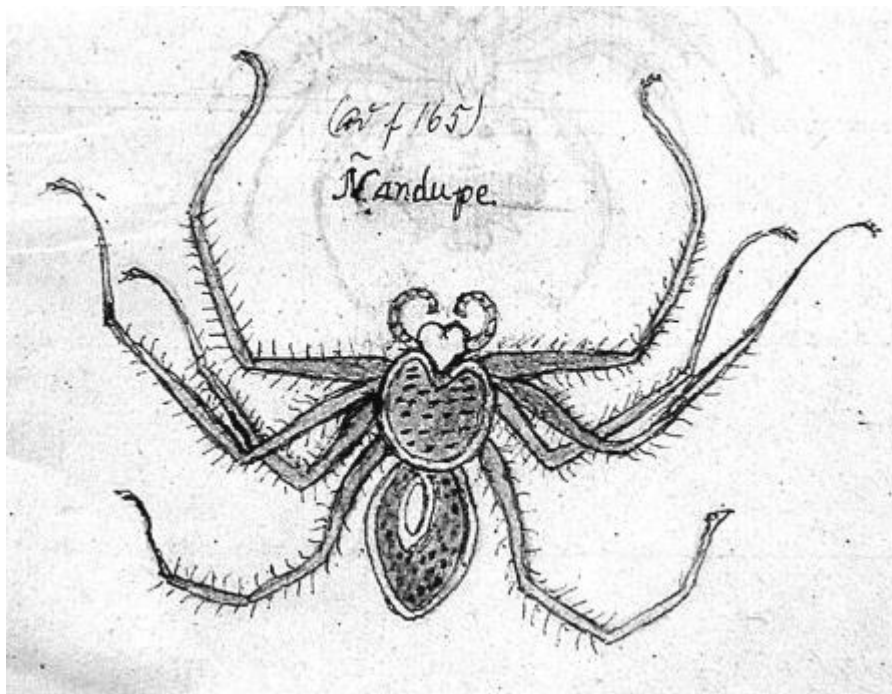


Ilustração 5



As aranhas, *Ñandu* em guarani, e também suas teias, apresentavam abundante sal volátil e óleo. De acordo com Lister,²⁸ referido por Sánchez Labrador, estes animais possuíam muitas virtudes medicinais; já o jesuíta acreditava que os corpos das aranhas deveriam ser usados apenas externamente, para amenizar febres,²⁹ principalmente, a *quartana*.³⁰ Para tanto, deveriam ser amassadas e penduradas no pescoço, atadas aos pulsos ou às têmporas do indivíduo febril, logo no início do *paroxismo*.³¹

A teia produzida pela aranha possuiria propriedades adstringentes, e, quando aplicada e oprimida em feridas recentes, ajudava a diminuir o sangramento, a cicatrizar o corte e a impedir a inflamação. Também podia ser utilizada contra cólicas flatulentas, recomendando-se que se cozinhasse uma porção de teia [com um ovo] em vinagre, devendo-se aplicar o emplastro no umbigo para, assim, aliviar a dor. Sánchez Labrador acrescenta que a teia podia ser bastante útil, ainda, contra as febres causadas pelo frio, recomendando que “(...) cayese en pequeña cantidad como de un garbanzo,³² ponese en un vaso de vino blanco, y se da a beber al enfermo [...] con esto se excita sudor copioso, y alguna vez cessa la calentura” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 363). Ao declarar que as teias das aranhas possuíam propriedades diaforéticas³³ e que estas contribuía para amenizar-se a febre, o jesuíta missionário estava claramente adotando pressupostos da teoria hipocrático-galênica, na medida em que acreditava que, através do suor, seria expelido o humor que, por se encontrar em excesso, havia provocado o desequilíbrio.

Ao tratar das cantáridas, Sánchez Labrador apoia-se nos estudiosos Nicolás Lemery,³⁴ Robert James³⁵ e Jacques Bomare.³⁶ Este inseto, segundo o jesuíta, quando tostado, apresentava grande

²⁸ O inglês Martin Lister (1638-1712) foi naturalista e médico.

²⁹ “Doença, procedida de calor preternatural, ou intempérie cálida, & secca do sangue, & dos humores, cuja effervesencia tem seu princípio no coração, & dele se comunica a todo o corpo pela veas, & artérias, com movimento desordenado, & outros symptomas, segundo a calidade, & diferença das Febres [...]”. (BLUTEAU, 1728, p. 54).

³⁰ Sobre os diferentes tipos de febres e os procedimentos terapêuticos indicados para o seu tratamento em receituários setecentistas adotados nas reduções da Companhia de Jesus na América platina, recomendamos ver mais em: FLECK; OBERMEIER, 2018.

³¹ “Exacerbación de una enfermedad.” DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=paroxismo>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

³² “Planta herbácea de la familia de las Papilionáceas, de cuatro o cinco decímetros de altura, tallo duro y ramoso, hojas compuestas de hojuelas elípticas y aserradas por el margen, flores blancas, axilares y pedunculadas, y fruto en vaina inflada, pelosa, con una o dos semillas amarillentas, de un centímetro aproximadamente de diámetro, gibosas y con un ápice encorvado” DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=purgativo>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

³³ “Que excita a transpiração; sudorífico”. DICCIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=diafor%E9tico>>. Acesso em: 05 dez. 2020).

³⁴ O químico francês Nicolas Lemery (1645-1715) nasceu em Ruan e morreu em Paris. Era membro da Academia de Ciências. Sua obra mais famosa foi *Curso de Química* (1675). Sánchez Labrador, no entanto, refere outras obras suas, tais como *Farmacopea Universal* (1697), *Tratado Universal das drogas simples* (1698), *Tratado do Antimônio* (1707) e *Nova Recopilação de segredos e curiosidades mais raros* (1709).

³⁵ O médico e físico Robert James (1703-1773/1776) nasceu em Kinverston e morreu em Londres. Sua obra mais conhecida é *Dicionário Médico* (1743).

³⁶ O farmacêutico e naturalista Jacques-Christophe Valmont de Bomare (1731-1807) nasceu em Rouen e morreu em

abundância de sal volátil, áspero e cáustico, que se mesclava com um pouco de óleo, fleuma e terra, bastante semelhante às virtudes da aranha. Dessa forma, as cantáridas teriam uma natureza bastante penetrante e corrosiva, pois quando aplicadas ou esfregadas sobre a pele causavam o levantamento de bolhas que liberavam uma grande quantidade de secreção ou humor aguado. A excreção do humor, através de bolhas, ajudaria, por exemplo, a aliviar dores de dentes. Labrador indica, ainda, uma receita de emplastro, composto de cinco cantáridas, três dentes de alho e um pouco de triaga.³⁷ Após serem amassados, a mistura deveria ser colocada em um pano fino de linho, depositada no local que se encontrava sangrando ou ao lado do local dolorido, devendo ser mantida até que começassem a aparecer bolhas na pele e a dor começasse a diminuir.

Vale lembrar que as cantáridas, por suas propriedades afrodisíacas e diuréticas, eram utilizadas como medicamento desde a Antiguidade, e que, na atualidade, um de seus compostos, a *cantaridina*,³⁸ apesar de ser considerada tóxica e venenosa,³⁹ integra a fórmula de medicamentos indicados no tratamento do *Molusco Contagioso*.⁴⁰ Destaca-se o fato de Sánchez Labrador constantemente comparar os outros insetos às cantáridas, para afirmar que, diferentemente delas, os demais insetos podiam ser usados sem precauções ou em quantidade não necessariamente controlada, o que parece revelar que o jesuíta tinha conhecimento da toxicidade deste inseto.

Sobre os grilos, o jesuíta ressalta que possuíam, assim como outros insetos já referidos, uma grande quantidade de sal volátil e de óleo, sendo, por isso, também eficientes como diuréticos. Estes insetos deveriam ser colocados em um vaso de terra tapado, que deveria ser aquecido sob fogo baixo, para, logo após, serem reduzidos a um pó, que deveria ser dado ao paciente – na quantidade de doze grãos ou mais –, acompanhado de água de salsa. Outra forma de utilizá-los como medicamento, sem que fosse preciso tostá-los, previa que dois ou três desses insetos, após terem removidas suas

Chantilly. Sabe-se que começou a publicar o *Dicionário fundamentado universal de história natural* – citado por Sánchez Labrador –, em 1765. Também escreveu a obra *Mineralogia ou Nova exposição do reino mineral*.

³⁷ Triaga ou triaca é uma “Confecção farmacêutica usada antigamente e composta por muitos ingredientes, mas principalmente de ópio. Bastante empregado em casos de mordidas de animais venenosos”. DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=nuez>>. Acesso em: 05 dez. 2020. Sabe-se que a *Triaga Brasílica* era composta de dezenas de ervas, plantas, raízes, gomas, sais minerais e óleos, sendo indicada para a cura de envenenamentos, ocasionados tanto por ervas e plantas, quanto por animais, e, também, no tratamento de como dores internas, verminoses intestinais, febres, doenças epidêmicas e doenças “de mulheres”.

³⁸ *Cantaridina* (C₁₀H₁₂O₄) é a lactose do ácido cantarídico e está presente nas cantáridas (*Lytta vesicatoria*) secas. É usada como afrodisíaco e antigamente como anti-irritante em forma de pasta e, em pequena quantidade, em loções capilares, mas pode causar nefrite (doença dos rins provocada por intoxicação). Este composto pode produzir inflamação severa na pele e é extremamente tóxico se ingerido oralmente. A *cantaridina* tem propriedades tóxicas e venenosas em grau comparável ao dos venenos mais violentos conhecidos no século 19, como a estricnina. QUÍMICA NOVA INTERATIVA: SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA. Disponível em:<http://qnint.sbg.org.br/qni/popup_visualizarMolecula.php?id=WSnmbpKSofQ4qIUAKPGxt5bBbH33D0hDCI BXF4DUvokX5ggessEwlAF2tWsGc279_v4-CE86w05VEHFRxtTphA==>>. Acesso em: 05 dez. 2020).

³⁹ A *cantaridina* é, inclusive, proibida em alguns países, mesmo que sua dosagem letal ainda não tenha sido determinada.

⁴⁰ “O *Molusco contagioso* é uma erupção comum e às vezes gravemente desfigurante em pacientes com infecção pelo HIV” HABIF, 2012, s/p.

asas, pernas e cabeças, fossem colocados em água de salsa ou alecrim. Estes insetos deveriam ser deixados em maceração⁴¹ nessa água até que ela se tornasse um licor praticamente branco como leite, que deveria ser coado em um pano e dado de beber para o enfermo. Os grilos também teriam uso externo, já que, após serem amassados e aplicados nos olhos, ajudavam a clarear a visão, sendo também eficientes na cura de parótides⁴² e de outros tumores do mesmo gênero.

Sánchez Labrador registrou duas formas de preparo de grilos por indígenas. Uma delas consistia em cozinhar alguns grilos, retirar suas tripas e moer o restante de seus corpos até tornarem-se pó, ao qual era acrescentado um “*licor conveniente*” dado aos doentes que padeciam de problemas dos rins ou bexiga, com grandes resultados. A outra recomendava que, nos casos de urina contida, o doente recebesse o preparado resultante da seguinte receita: dois grilos deveriam ser tostados em uma caçarola de barro, moídos e misturados em um pouco de vinho, água bem cozida ou de chicha de milho. Mas se o paciente sofresse de incontinência urinária, deveria receber um só grilo, amassado e não tostado, misturado com um pouco de água morna. Eles poderiam ser também colocados em um palito e tostados no fogo, como nesta indicação: “y ya tostados muelelos en un poco de vino caliente: este vino mezclado con los Polvos de [Quiyis], daras ao Indio, o India, que padeciere la retención de orina, y esta poco a poco fluirá con feliz suceso” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 366).

Os piolhos também continham sal volátil e óleo, sendo indicados nos casos de icterícia⁴³ e febres, recomendando-se que fossem engolidos de cinco a seis deles, no princípio do paroxismo. Concordando com o proposto por Lemery, o jesuíta ressalta que o paciente que demonstrasse aversão e apresentasse náuseas ao engolir os piolhos, estaria, na verdade, expelindo a febre e não o remédio em si. Para curar a icterícia, as orientações eram as seguintes: alguns destes insetos deveriam ser consumidos pela manhã – em jejum – em um ovo passado pela água, repetindo-se três vezes este procedimento por três dias consecutivos, interrompendo-se por alguns dias para, depois, repetir o procedimento. O uso externo dos piolhos, segundo Sánchez Labrador, era frequente em crianças que sofriam de urina oprimida, recomendando-se que o inseto fosse colocado vivo sobre alguma parte do corpo do enfermo.

Como se pôde constatar, praticamente todos os insetos eram tostados, moídos ou secados com o intuito de serem reduzidos a pó. Este pó podia, posteriormente, ser ingerido com alguma água

⁴¹ “Operação que consiste em pôr uma substância sólida em um líquido, a fim de que este fique impregnado de certos princípios solúveis daquela”. DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=macera%E7%E3o>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

⁴² Tumor inflamado nas Parótidas, que são “glândulas salivares situadas abaixo e por diante das orelhas”. DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=par%C3%tida>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

⁴³ “Sintoma que pode ter várias causas, caracterizado pela cor amarela da pele e conjuntivas oculares”. DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=icter%EDcia>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ou “*licor conveniente*”, sendo misturado ou cozido com vinho ou chicha⁴⁴ ou, até mesmo, infundido em algum azeite. O padre jesuíta relata alguns outros curiosos usos de insetos, tais como o das abelhas, moscas e mosquitos como medicamento contra a calvície, e o do carrapato para que o cabelo caísse. Há, ainda, o registro do uso das antenas do besouro em partos difíceis, mas sem o detalhamento dos modos de preparo, e o emprego da cochonilha de grana por uma mulher que, muito adoentada e, querendo confessar-se, não mais conseguia falar. Neste caso, um pedaço da grana foi diluído em vinho morno, colocado em uma colher e inserido na boca da enferma, com grandes resultados.

A comparação entre as virtudes terapêuticas e as diferentes formas de preparo dos vinte e um insetos relatadas por Sánchez Labrador no último Livro da quarta Parte do *Paraguay Natural Ilustrado* permitiu a sistematização de alguns dados. Cerca de doze dentre os vinte e um insetos contemplados pelo jesuíta possuem sal volátil, enquanto onze contêm óleo. De forma geral, quase todos os insetos que possuem sal volátil e óleo são diuréticos e/ou diaforéticos, sendo que as doenças mais frequentes se relacionam com a retenção de urina ou a pedras nos rins e/ou na bexiga.

Percebe-se que Sánchez Labrador fundamenta o emprego terapêutico destes insetos a partir de pressupostos da teoria humoralista, na medida em que levam o enfermo a expelir os excessos dos humores em desequilíbrio. A apropriação da teoria hipocrático-galênica fica também evidenciada em várias passagens, como na referência que o jesuíta faz à náusea provocada pela ingestão de piolhos, que consistiria, segundo ele, justamente, na maneira de o corpo eliminar a febre. É importante lembrar que, ao longo das mais de trezentos e setenta páginas deste livro, Sánchez Labrador recorre a vários autores europeus para legitimar suas afirmações e descrições das indicações terapêuticas e modos de preparo dos insetos, aspecto que abordaremos no último tópico deste artigo.⁴⁵

Sobre as autoridades consagradas e os *sábios e inteligentes* indígenas: evidências de intertextualidade e apropriação

Como já afirmamos, ao descrever a utilização terapêutica de insetos, Sánchez Labrador recorre a *autoridades* reconhecidas por seus estudos de Medicina, Farmácia ou de História Natural, tanto referências clássicas, quanto do século XVII ou contemporâneas a ele. Dentre os referidos por Labrador, destacam-se Robert James (1703-1773), Nicolás Lemery (1645-1715), Esteban Geoffroy⁴⁶

⁴⁴ Chicha é uma bebida fermentada à base de milho e outros cereais. Sobre o uso de aguardente, vinho ou outras bebidas alcoólicas no preparo de medicamentos, recomenda-se ver mais em CARNEIRO, 1994; 2003.

⁴⁵ As evidências de circulação de informações, que caracterizou a atuação da Companhia de Jesus nas áreas dos impérios coloniais ibéricos e conformou uma eficiente rede que uniu a América e o Oriente à Europa, não se restringem ao período em que Sánchez Labrador viveu missionário nas Província Jesuítica do Paraguai. Durante seu exílio em Ravena, o jesuíta espanhol não apenas deslocou-se para cidades próximas, como manteve correspondência com outros exilados, o que possibilitou que dirimisse dúvidas, retificasse ou confirmasse suas observações ou memórias das experiências vividas.

⁴⁶ O químico e médico Esteban Francisco Geoffroy (1672-1731) nasceu e morreu em Paris. Sánchez Labrador cita com frequência sua obra *Matéria Médica*.

(1672-1731), Jacques-Cristophe de Bomare (1731-1807), Marcial⁴⁷ (38/40 d.C.-?), Dioscórides⁴⁸ (40 d.C.-90 d.C.), Padre Athanasius Kircher SJ. (1601-1680), Martin Lister (1638-1712), Johann Schröder⁴⁹ (1600-1664) e Cláudio Galeno⁵⁰ (129-199/217 d.C.).

A referência a Galeno pode ser encontrada na passagem em que refere a utilização de “água destilada de Moscas (...) contra los males de los ojos; para servirse de ella la mezclan con una yema de huebo, y forman emplasto. Galeno aprueba este remedio” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 368).

Ao tratar das propriedades terapêuticas do mel das abelhas, Labrador deixa bastante evidentes as leituras que realizou e os autores nos quais se baseava: “Otras virtudes excelentes dela Miel podrán leerse en las Pharmacopeas Matritense, de Lemery, Palacios, James, etc” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 362). Mas, ao referir-se à cera de abelha, o jesuíta demonstra não somente conhecer a obra de Lemery, como manifesta sua discordância em relação ao já afirmado por ele:

Lemery juzga, que no hay mas cera virgen, que la que en las colmenas se llama propolis, y en Guarani Eybora; que es una especie de Matices dorado, o rubicundo, el qual contiene mucho oleo, y poca sal volátil acida. Es error este de Lemery, y solo impropriamente puede la Propolis llamarse Cera Virgen (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 362).

Em outra passagem, que trata, especificamente, das sanguessugas, o jesuíta irá ressaltar as acertadas recomendações feitas pelo mesmo Lemery:

Para aplicar las sanguijuelas son necessarias algunas precauciones, que podran verse en el Diccionario de Drogas Simples de Lemery. Este Auctor enseña, que si por casualidad, bebiendo agua, se tragó alguna sanguijuela, luego o se beba agua salada en abundancia, porque con ella desiste este insecto de atormentar; y que después se purgue con Mercurio dulce, u otra composición Mercurial (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 369).

O diálogo que Labrador mantinha com as concepções e obras de outros homens de ciência da Companhia de Jesus fica atestado nesta passagem, na qual faz referência aos escorpiões, mencionando que “Cree el P. Kircher que los Alacranes atraen el veneno por cierta virtud magnética; pero Hoffmann /in Medic. Rat. Syst. tom. P. 2. Cap. 2. §. 27. lo tiene por fabula, que atraiga por magnetismo” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 363).

Para abordar as propriedades terapêuticas de aranhas e de suas teias, Sánchez Labrador

⁴⁷ O epigrafista latino Marco Valério Marcial (38/40 d.C. - ?) nasceu e morreu em Bîlbilis, na Espanha, tendo como sua principal obra *Liber spectaculorum* (80 d.C.).

⁴⁸ O escritor e médico greco-romano Pedânio Dioscórides (40 d.C.-90 d.C.) escreveu a obra *De Materia Medica*, considerado o manual de farmacopeia mais importante da Grécia e Roma antigas.

⁴⁹ O médico e farmacêutico alemão Johann Schröder (1600-1664) é tido como o primeiro a reconhecer o arsênio como um elemento.

⁵⁰ O médico, filósofo e cirurgião romano Cláudio Galeno (129-199/217 d.C.) nasceu em Pérgamo, na região da Mísia, na Ásia Menor, e foi uma das figuras mais destacadas da medicina romana. É conhecido por ter defendido que a saúde do homem dependia do equilíbrio dos quatro humores, assim como havia afirmado Hipócrates (460-377 a. C.).

recorre aos trabalhos tanto de Martin Lister, quanto de Robert James, como se pode constatar nas passagens que destacamos. Em relação ao primeiro autor, o jesuíta afirma que em seu “/Tractat. De Araneis/ [Lister] las atribuye muchas facultades medicinales; pero se desean buenas pruebas, fundadas en experiencias” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 363). Na referência que faz ao segundo, Labrador não apenas recorre a James para legitimar as virtudes e o mais adequado procedimento terapêutico, como para reforçar sua eficácia a partir de experiências bem sucedidas e de registros que a comprovam:

James escribe que se ha de tomar una vez una hora antes que venga el paroxismo; y otra vez quando ya esta próximo a venir. Dice, que le informaron, que los indianos en la Carolina Septentrional, tiene grande confianza en este remedio para el dicho mal, a que están muy expuestos. Añade, que un amigo suyo, que había estado muchos anos en aquellas tierras, le asseguro, que el mismo había sanado de aquel mal con la tela de Araña. Concluye James, y de hecho, la experiencia misma confirma la eficacia de este remedio para sanar las calenturas, que vienen con frío (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 363).

Este recurso narrativo de legitimação pode ser também observado em outras duas situações, nas quais, ao referir-se à cochonilla, o jesuíta respalda suas descrições em autores como Geoffroy, Schröder e Lemery:

Geoffroy dice, que se usa la cochonilla para todos aquellos fines, a los cuales sirve el Chermes. [...] En los Pasmos de las Quixadas, en que estas se aprietan de modo que se cierra fuertemente la boca, son excelentissimo, y prompto remedio, cogese un pedacito de Grana, (que es la substancia de los Gusanos) como una Almendra; desliese en vino; abrese la boca del enfermo con algún palito, y se le hecha en ella la dicha infusión algo tibia con una cuchara: luego sele desetan los nervios, y habla. Practiqué este remedio en una ocasión, que llamado a confessar una enferma en la ciudad de Buenos Ayres, la encontré con el referido Pasma. Pudo por este medio confessarse a satisfacción. De otras virtudes de la Grana, vease Schroder en el Libr. citad. Geoffroy. Lemery (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 365).

Schröder será novamente mencionado na descrição que Labrador faz das virtudes medicinais dos besouros: “Dice Schroder, que el acelyte hecho de la infusión de estos insectos, puesto en el oído, o instilado en la oreja, quita los dolores de los oídos, y la sordera” (Sánchez Labrador, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 366). Mas esta não será a única forma de preparo dos *escarabajos*, uma vez que Labrador irá destacar também “El modo mejor de hacerlos polvo, segun Hartmannes, es este: meter algunos escarabajos en un vaso de tierra; taparle bien, y ponerle al sol a secar; después moerlos hasta queden polvo” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 366).

Referindo-se utilização terapêutica de piolhos, Labrador descreve e, ao mesmo tempo, desacredita uma das práticas adotadas, afirmando que “En quanto a el uso externo, sirven para los Niños [os indios], que padecen supresión de orina: suelen poner vivo un Piojo en el Cañoncito, que con la titilación se ensancha, y da lugar a que la orina salga. Schroder no aprueba esto” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 368). Por outro lado, ressalta a eficácia de outra forma de utilizá-los, sobretudo, por assegurar, em uma perspectiva humoralista, a retomada do equilíbrio: “Densele al enfermo al principio del paroxismo cinco, o seis, y que los trague, o, mas o menos, según se juzgare conveniente. Nota muy bien Lemery, que, por ventura al asco, y nausea, que siente el paciente al tomarlos, conduce para expeler la calentura más, que el mismo remedio” (SÁNCHEZ

LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 368).

Por sua condição de autor erudito, o jesuíta Sánchez Labrador produziu uma obra em que fica, portanto, evidente a “necessidade de um *comentário autorizado* da parte de quem é suficientemente ‘sábio’ ou profundo” (CERTEAU, 1982, p. 82). Entretanto, o que chama a atenção, especificamente, neste livro do *Paraguay Natural*, não são as recorrentes remissões e evocações aos conhecimentos de *autoridades* reconhecidas, mas as menções que Labrador faz às contribuições de outros sujeitos, no caso, os indígenas, a quem denomina de “*inteligentes*” e “*sábios*” em algumas situações. É em uma das descrições sobre a utilização terapêutica de grilos (*quiyu*, em guarani), que encontramos menção aos indígenas que Labrador denomina de “*inteligentes*”, os quais atuavam como curandeiros:⁵¹

En el Paraguay un inteligente los preparaba, como ya digo. Cocía levemente unos Grillos, les sacaba las tripas, molía lo demás; y estos polvos daba en licor conveniente a los que padecían de la orina: fluía esta, y quedaba aliviado el paciente. Otro tostaba dos Grillos en una cazuela de barro, los molía; y en un poco de vino, o de agua bien cocida, o de Chicha (Aloxa) de Maiz los daba a beber al enfermo, que padecía de la retención de la orina; obraba luego el buen efecto. Por el contrario, si la enfermedad era de demasiado flujo de orina, le daba al enfermo un solo Grillo sin tostar, machacado, y en infusión de un poco de agua tibia (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 366).

Labrador também descreve outra prática de utilização dos *quiyus*, que parece ter sido bastante comum entre os indígenas. Os grilos, segundo o jesuíta, deveriam ser enfiados ainda vivos “en un palito, como asador; tuestalos al fuego, y ya tostados muélelos en un poco de vino caliente: este vino mezclado con los Polvos de los Quiyus, daras al indio, o india, que padeciere la retención de orina, y esta poco a poco fluirá con feliz suceso” (SÁNCHEZ LABRADOR, 1776, Tomo IV, Livro III, p. 366). Em outra ocasião, ele afirma que presenciou dois “*inteligentes*” e “*sábios*” indígenas preparando grilos, com o propósito de curar um índio que se encontrava enfermo, e que o procedimento teve resultados positivos.

Essa prática de nomeação ou adjetivação dos indígenas traz consigo um caráter de distinção, na medida em que não são iguais aos cientistas europeus, mas se diferenciam dos demais indígenas. François Hartog (1999, p. 259) explica que a nomeação do outro faz parte do processo da retórica da alteridade e envolve, principalmente, a classificação deste outro, que seria essencial, pois “classificando o outro, classifico-me a mim mesmo e tudo se passa como se a tradução se fizesse sempre na esfera da versão”.

Importante lembrar que as observações que Labrador fez do emprego de insetos na cura de certas enfermidades decorrem das experiências que vivenciou como missionário na Província Jesuítica do Paraguai. Esta especial condição – de religioso encarregado da missão de evangelizar e civilizar os indígenas – se manifestará, sem dúvida, nas apreciações que fará das práticas curativas indígenas. Neste sentido, vale lembrar o observado por Di Liscia (2002, p. 40):

La separación que realizaba el jesuita entre indígenas “más racionales” y “menos racionales” se basaba en el uso de especies vegetales como medicamentos, porque para él la medida de

⁵¹ Sobre esta temática, recomenda-se ver mais em: FLECK; JOAQUIM; BIEHL (2016).

la lógica se daba en relación con el acercamiento al mundo natural, utilizando y aprovechando sus ventajas, a la vez que se despreciaba lo sobrenatural (el shamanismo, la magia, en suma), prueba clara de irracionalidad.

Tida como “la culminación de la historia natural de los jesuítas en el Paraguay”, a obra de José Sánchez Labrador é, sem dúvida, tributária da observação, da experimentação e da incorporação do saber etnofarmacêutico indígena, fundamentadas, em grande medida, na “posição relativamente imparcial e aberta dos jesuítas frente aos indígenas, baseada na espiritualidade inaciana” (ANAGNOSTOU, FECHNER, 2011, p. 190).

Considerações finais

A utilização de insetos pela medicina, bem como suas indicações e modos de preparo podem provocar certo estranhamento ao leitor da atualidade, uma vez que eles estão, comumente, associados à falta de higiene e, conseqüentemente, a focos de transmissão de inumeráveis doenças. No *Paraguay Natural*, Sánchez Labrador parece estar em sintonia com os avanços no estudo dos invertebrados – particularmente dos insetos – observados no século XVIII, uma vez que não contenta-se em referi-los como “*bichos venenosos*” ou como organismos “*imperfeitos*” e, por isso, não dignos de atenção.

Opondo-se a esta forma tão negativa de perceber os insetos, o jesuíta aponta para as virtudes terapêuticas de alguns deles e para seu largo uso pelos indígenas americanos. Em razão disso, o Livro sobre os “*pequeños vivientes*” – como a eles se referia Sánchez Labrador – não se caracteriza por descrições fantasiosas, crenças arraigadas ou por incorporações de informações de terceiros não apuradas, oferecendo, ainda, evidências do estreito convívio do jesuíta com os indígenas junto aos quais atuou como missionário.

O padre jesuíta apresenta suas virtudes e indicações, tencionando sua adequação ao sistema europeu e à teoria humoralista hipocrático-galênica, em consonância com sua condição de europeu e de religioso, não desconsiderando os saberes próprios dos grupos indígenas com os quais conviveu. Neste sentido, é importante ressaltar a posição privilegiada ocupada pelos jesuítas missionários na produção e divulgação do conhecimento científico e etnográfico americano, pois, como bem observado por alguns estudiosos, eles cumpriram

[...] una importante función en la búsqueda de información”, pois se encontravam físicamente na América, convivendo con los indígenas y en un medio ambiente lleno de objetos naturales ‘novedosos’ y por lo tanto esperando su catalogación [...] (DEL VALLE, 2009, p. 52).

Sob esta perspectiva, é correto afirmar que os registros que Labrador fez dos saberes e das práticas curativas indígenas – que se caracterizavam pelo emprego de plantas e de insetos – levaram em conta, tanto as obras que consultou na biblioteca do Colégio de Valladolid – durante o período de sua formação como jesuíta – e, posteriormente, na do Colégio de Córdoba, quanto o diálogo que estabeleceu com outros homens de ciência – durante seu exílio em Ravena, na Itália – período durante o qual dedicou-se à sistematização das informações levantadas na América e à escrita do *Paraguay Católico* e do *Paraguay Natural*.

Por outro lado, Sánchez Labrador estabeleceu contínuas relações e comparações entre as práticas curativas indígenas e as europeias, fundamentando suas observações, como procuramos demonstrar, no conhecimento divulgado por autoridades em Medicina e Farmácia. Em algumas situações, contudo, ele contestou certas concepções europeias, contrapondo-as às observações e as experiências que realizou durante o período de sua atuação como missionário junto aos indígenas da região platina. Sua narrativa parece, portanto, sobrepor e mesclar as experiências que vivenciou na América àquelas próprias de seu período de formação na Europa e, ainda, às que viverá durante o exílio na Itália. Em razão disso, a obra *Paraguay Natural Ilustrado* – como procuramos demonstrar neste artigo – constitui-se também em valiosa contribuição para o entendimento dos efeitos da realidade americana sobre as concepções dos missionários da Companhia de Jesus e para a reconstituição dos saberes e práticas dos grupos indígenas americanos.

Referências Bibliográficas:

ANAGNOSTOU, Sabine, FECHNER, Fabian. Historia Natural y Farmácia misionera entre los jesuítas en el Paraguay. In: WILDE, Guillermo (ed.). *Saberes de la conversión. Jesuitas, indígenas e imperios coloniales en las fronteras de la Cristiandad*. Buenos Aires: SB, 2011, p. 175-190.

ASÚA, Miguel de. La ciencia de Mayo. La cultura científica en el Río de la Plata, 1800-1820. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ASÚA, Miguel de. *Science in the Vanished Arcadia. Knowledge of Nature in the Jesuit Missions of Paraguay and Río de la Plata*. Leiden; Boston: Brill, 2014.

BARCELOS Artur. *O Mergulho no Seculum*. Porto Alegre: Editora Animal, 2013.

BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 8 v. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 02 dezembro 2020.

CAMENIETZKI, Carlos Z. *La Ciencia barroca del padre Kircher*. Revista Libro Artes de México, n. 82, 2005.

CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. *Como escribir la historia del Nuevo Mundo: historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

CARNEIRO, Henrique. *Filtros Mezimbas e Triacas - as drogas no mundo moderno*. São Paulo: Xamã, 1994.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

DEL VALLE, Ivonne. *Escribiendo desde los márgenes: colonialismo y jesuítas em el siglo XVIII*. México: Siglo XXI, 2009.

DI LISCIA, María Silvia. Introducción. Capítulo 1 La Medicina Indígena como Clave de

Interpretación Religiosa, Política y Científica. In: DI LISCIA, María Silvia. *Saberes, Terapias y Prácticas Médicas en Argentina (1750-1910)*. Madrid: Consejo Superior de Investiga Científicas Instituto de História, 2002.

DICCIONARIO de la Lengua Española. In: *Real Academia Española*. Disponível em: < <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>>. Acesso em: 05 Dezembro 2020.

DICIONÁRIO Michaelis. In: *Uol*. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 05 Dezembro 2020.

DOMINGUES Beatriz Helena. *Tão longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; OBERMEIER, Franz. O Libro de medicina, cirugia e botica: um manuscrito anônimo de Matéria médica rioplatense da primeira metade do século XVIII. *Revista Antíteses*, v. 11, p. 132-156, 2018.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; Joaquim, Mariana; Biehl, Maico. En orden a sus virtudes y facultades medicinales: um estudo sobre o Paraguay Natural Ilustrado de José Sánchez Labrador SJ. *Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana*, v. 06, n. 2, p. 01-43, 2016.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: um estudo do Paraguay Natural Ilustrado do padre José Sánchez Labrador (1771-1776)*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos e Oikos Editora, 2015.

FREITAS REIS, Ivoni. Um mapa da medicina antiga: Entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. *Revista de historia de la medicina y epistemologia medica*. Buenos Aires, Departamento de Humanidades Médicas, v. I, p. 01-14, 2009.

FURLONG, Guillermo. *Naturalistas Argentinos durante la dominacion Hispanica*. Buenos Aires: Editorial Huapes, 1948. (Cultura Colonial Argentina, v. 8).

HABIF, Thomas P. *Dermatologia Clínica: Guia Colorido para Diagnóstico e Tratamento*. São Paulo: Elsevier, 2012.

HARTOG, F. Fronteira e Alteridade. Uma Retórica da Alteridade. In: HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p.97-141; 229-271.

HUFFINE, Kristin. Raising Paraguay from Decline: Memory, Ethnography, and Natural History in the Eighteenth-Century Accounts of the Jesuit Fathers. In: MILLONES FIGUEROA, Luiz; LEDEZMA, Domingo. (eds.). *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*. Madrid: Iberoamericana, 2005, p. 279-302.

JUSTO, María Soledad. Paraguay y los debates jesuíticos sobre la inferioridad de la naturaleza americana”. In: WILDE, Guillermo. (ed.) *Saberes de la conversión. Jesuitas, indígenas e Imperios coloniales en las fronteras de la Cristiandad*. Buenos Aires: Editorial Sb, 2011, p. 175-174.

MILLONES FIGUEROA, Luiz. La intelligentsia jesuítica y la naturaleza del Nuevo Mundo en el siglo XVII. In: MILLONES FIGUEROA, Luiz; LEDEZMA, Domingo. (eds.). *El saber de los jesuitas, historias*

naturales y el Nuevo Mundo. Madrid: Iberoamericana, 2005, p. 27-46.

MILLONES FIGUEROA, Luiz; LEDEZMA, Domingo. (eds.). *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*. Madrid: Iberoamericana, 2005.

MORENO, Aníbal Ruiz. *La Medicina en "el Paraguay Natural" (1776-1776) del P. Jose Sánchez Labrador S. J.: Exposición comentada del texto original*. Tucuman: Universidad Nacional de Tucumán, 1948.

SAINZ OLLERO, Héctor; SAINZ OLLERO, Helios; CARDONA, Francisco Suárez; ONTAÑÓN, Miguel Vázquez de Castro. *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*. Madrid: Mopu, 1989.

SÁNCHEZ LABRADOR, J. 1776. *Paraguay Natural Ilustrado*. Noticias del país, con la explicación de phenomenos phisicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. *Parte Quarta*, contiene los libros siguientes. I. De los Animales Amphybios. II. De los Animales Reptiles. III. De los Insectos. (Manuscrito inédito), Ravenna. (373 páginas).

SCHWARTZ, Stuart; LOCKHARDT, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.